ISSN: 2358-8829

O PESQUISADOR E SEU OUTRO: UM DESVIO METODOLÓGICO PARA PESQUISAS EM CIÊNCIAS HUMANAS

Elder Tânio Gomes de Almeida [1]

INTRODUÇÃO

A produção do conhecimento nas pesquisas em Ciências Humanas e em Educação envolve desde a escolha de procedimentos para a produção e a análise dos dados até a forma como o pesquisador se relaciona com os participantes da investigação e incorpora suas vozes ao texto acadêmico. Nessa perspectiva, a obra de Amorim (2004), fundamentada na filosofia de Mikhail Bakhtin, possibilita refletir acerca do tratamento dos dados e da relação entre pesquisador e participante, especialmente no que se refere ao reconhecimento do Outro como sujeito que também participa da construção do conhecimento.

Essa perspectiva apresenta contribuições relevantes para pesquisas de natureza qualitativa, uma vez que permite problematizar práticas de investigação nas quais a interpretação do pesquisador pode assumir uma posição predominante em relação às vozes dos participantes. Os conceitos bakhtinianos de dialogismo, alteridade, polifonia e monologismo oferecem fundamentos para pensar a pesquisa como um espaço de encontro entre diferentes vozes e perspectivas, no qual a produção do conhecimento pressupõe responsabilidade ética diante do discurso do Outro.

As reflexões desenvolvidas neste artigo tiveram origem nas discussões realizadas na disciplina “Saberes, Pesquisa e Ensino de Ciências”, do curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC/UEA). Essas discussões suscitaram questões relacionadas à maneira como as vozes dos participantes podem ser consideradas na construção e na interpretação dos dados e, posteriormente, incorporadas à escrita científica sem que suas perspectivas sejam reduzidas ou silenciadas pela voz do pesquisador.

[1] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC) da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, etgda.dca25@uea.edu.br.

Nesse contexto, o objetivo geral deste artigo é discutir os conceitos de dialogismo, alteridade, polifonia e monologismo, a partir das contribuições de Mikhail Bakhtin e das reflexões apresentadas por Amorim (2004), considerando suas implicações para a pesquisa em Ciências Humanas e em Educação. Especificamente, busca-se refletir sobre a relação entre pesquisador e participante na produção do conhecimento e compreender de que maneira esses conceitos podem contribuir para o tratamento, a interpretação e a discussão dos dados em pesquisas qualitativas. Pretende-se, assim, ampliar a reflexão sobre uma prática investigativa que reconheça a presença e a singularidade do Outro na construção do texto científico.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e de natureza interpretativa, com enfoque conceitual. A opção pela pesquisa bibliográfica fundamenta-se em Gil (2002), para quem essa modalidade de investigação se desenvolve a partir de materiais já elaborados, especialmente livros e artigos científicos. O referido delineamento mostra-se adequado ao presente estudo, uma vez que a investigação se concentra na análise e na discussão de produções teóricas relacionadas ao pensamento de Mikhail Bakhtin, tomando como obra principal *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*, de Marília Amorim.

Quanto à abordagem, a pesquisa é qualitativa, pois se volta à compreensão e à interpretação dos significados presentes no material estudado, sem recorrer à mensuração ou ao tratamento estatístico. Essa escolha encontra respaldo em Minayo (2014), cuja perspectiva situa a pesquisa qualitativa no âmbito de realidades relacionadas a significados, valores, crenças e atitudes. Além disso, Minayo (2014) destaca a compreensão e a interpretação como elementos estruturantes da análise qualitativa.

A pesquisa assume, ainda, natureza interpretativa, com enfoque conceitual, na medida em que procura compreender e estabelecer relações entre os conceitos de dialogismo, alteridade, polifonia e monologismo, considerando suas possibilidades para pensar a relação entre pesquisador e participante e o tratamento dos dados nas pesquisas em Educação. Essa perspectiva aproxima-se das discussões de Amorim (2004) sobre o

encontro do pesquisador com o Outro e sobre as implicações metodológicas dessa relação na construção da pesquisa.

O percurso metodológico teve início com a leitura da obra de Amorim (2004), realizada no contexto da disciplina Saberes, Pesquisa e Ensino de Ciências, do curso de Doutorado do PPPGEEC/UEA. A partir dessa leitura, foram identificados e registrados trechos relacionados aos conceitos de dialogismo, alteridade, polifonia e monologismo. Os registros foram organizados segundo esses eixos conceituais e, posteriormente, submetidos à leitura interpretativa, buscando compreender suas contribuições para a prática investigativa e, particularmente, para a relação entre a voz do pesquisador e as vozes dos participantes na produção do conhecimento científico.

Por se tratar de um estudo bibliográfico, sem participação direta de seres humanos e sem produção de dados empíricos ou utilização de imagens, não foram empregados questionários, entrevistas, formulários ou registros imagéticos como instrumentos de produção de dados. Dessa forma, não houve procedimentos relativos à autorização para uso de imagens ou à obtenção de consentimento de participantes.

RESULTADOS

A leitura, a organização e a interpretação do material bibliográfico possibilitaram sistematizar os achados em duas categorias analíticas: (1) dialogismo e alteridade na relação entre pesquisador e participante; e (2) polifonia e monologismo na construção do texto científico. Embora apresentadas separadamente para fins de organização, essas categorias estão articuladas na perspectiva bakhtiniana e permitem discutir tanto a relação estabelecida com o Outro no processo investigativo quanto a presença das diferentes vozes na produção do texto acadêmico. A análise procura esclarecer, assim, a maneira como o pesquisador se relaciona com o participante repercute também nas escolhas interpretativas e na forma de apresentação dessas vozes na escrita científica.

Dialogismo e alteridade na relação entre pesquisador e participante

O conhecimento produzido nas Ciências Humanas passa pelo encontro com o Outro e pela palavra que surge nessa relação. Em Amorim (2004), pesquisador e

participante ocupam lugares próprios na pesquisa e, a partir deles, produzem discursos que entram em contato durante a investigação. A palavra do participante participa da construção dos sentidos, provoca interpretações e acompanha o pesquisador até a escrita. O diálogo ganha relevância nesse percurso porque põe em relação vozes distintas e amplia as possibilidades de compreensão do fenômeno estudado, conforme Fiorin (2020) preconiza.

Essa dimensão relacional pode ser compreendida sobretudo a partir da afirmação de Bakhtin (2006, p. 32):

> Essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas às outras. Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social.

A passagem permite compreender que a produção de sentidos se constitui socialmente e na relação entre diferentes consciências.

A palavra recolhida durante uma pesquisa traz consigo o lugar de onde o participante fala e as relações que deram sentido à sua experiência. Bakhtin (2006) ajuda a compreender isso pela interação social, na qual os sentidos ganham forma no contato entre consciências e discursos. Na pesquisa em Educação, o diálogo atravessa também o exercício de interpretar: a voz do participante encontra a leitura do pesquisador, provoca respostas e chega ao texto acadêmico marcada por essa interlocução. Amorim (2004, p. 16) leva o debate para o campo metodológico e para a própria escrita:

> Pode-se utilizar métodos ou convenções de escrita que ignorem ou que esqueçam que, do outro lado, há um sujeito que fala e produz texto tanto quanto o pes-quisador que o estuda. Pode-se, ao contrário, tentar dar conta dessa presença outra, desse estranho encontrado ou desencontrado na pes-quisa. Nesse caso, os métodos, as técnicas e a própria escrita podem ser questionados de modo mais rico e crítico. Porém, tanto nesse caso como no outro, da maneira como a pesquisa trata ou maltrata a questão da relação com o outro, dependem certos efeitos de conhecimento.

Entre a palavra pronunciada pelo participante e sua presença no texto científico existe o trabalho de interpretação do pesquisador. A seleção dos enunciados, os recortes realizados durante a análise e o lugar reservado a cada voz participam da construção dos

sentidos apresentados ao leitor. A escrita integra, assim, o próprio encontro com o Outro e prolonga questões surgidas durante a investigação. Amorim (2004, p. 16) chama atenção para o lugar da palavra do Outro nesse percurso:

> Não há trabalho de campo que não vise ao encontro com um outro, que não busque um interlocutor. Também não há escrita de pesquisa que não se coloque o problema do lugar da palavra do outro no texto. Esta questão pode, evidentemente, ser evacuada.

O achado permite compreender o dialogismo como relação entre vozes e posições discursivas, enquanto a alteridade demonstra o reconhecimento do Outro em sua diferença.

Assim sendo, a alteridade ganha contornos durante o encontro entre posições distintas na pesquisa e também encontra apoio na reflexão de Bakhtin (2003) acerca da relação entre o sujeito, seus atos e sua responsabilidade. O pesquisador chega ao campo trazendo perguntas, referências e modos de interpretar; o participante traz experiências e sentidos construídos em outros percursos. Do contato entre essas vozes podem surgir estranhamentos, deslocamentos e leituras que ainda não estavam dadas no início da investigação. Amorim (2004, p. 16) conduz a discussão para a presença da palavra do Outro no trabalho de campo e na escrita:

> Não há trabalho de campo que não vise ao encontro com um outro, que não busque um interlocutor. Também não há escrita de pesquisa que não se coloque o problema do lugar da palavra do outro no texto. Esta questão pode, evidentemente, ser evacuada, Pode-se utilizar métodos ou convenções de escrita que ignorem ou que esqueçam que, do outro lado, há um sujeito que fala e produz texto tanto quanto o pes-quisador que o estuda. Pode-se, ao contrário, tentar dar conta dessa presença outra, desse estranho encontrado ou desencontrado na pesquisa. Nesse caso, os métodos, as técnicas e a própria escrita podem ser questionados de modo mais rico e crítico. Porém, tanto nesse caso como no outro, da maneira como a pesquisa trata ou maltrata a questão da relação com o outro, dependem certos efeitos de conhecimento.

Na pesquisa em Educação, o encontro com os participantes produz palavras marcadas pelos lugares, experiências e sentidos construídos em diferentes contextos educativos. Dialogismo e alteridade ajudam a pensar o tratamento dado a essas palavras durante a análise. A voz do participante pode acrescentar perspectivas, provocar novas leituras do material e participar dos sentidos construídos pelo pesquisador. A escrita assume parte dessa responsabilidade ao conservar as singularidades encontradas durante

a investigação e tornar perceptível o diálogo que participou da produção do conhecimento.

Polifonia e monologismo na construção do texto científico

A presença do Outro também chega ao modo de escrever a pesquisa. As falas dos participantes passam a conviver, no texto, com a interpretação do pesquisador e com os autores escolhidos para sustentar teoricamente a análise. Polifonia e monologismo oferecem elementos para pensar como essas vozes ocupam a escrita e quais relações são criadas entre elas.

Amorim (2004, p. 107) situa a polifonia no encontro entre discursos: "O texto polifónico ou dialógico é um conceito baktiniano que per-mite examinar a questão da alteridade enquanto presença de outro discurso no interior do discurso".

A presença de diferentes discursos confere à escrita científica uma composição formada por vozes provenientes de lugares distintos. Participantes, pesquisadores e interlocutores teóricos chegam ao texto por caminhos próprios e cumprem funções diferentes na produção dos sentidos. A polifonia ganha importância nas relações criadas entre essas vozes, principalmente quando aproximações, discordâncias e respostas permanecem perceptíveis na análise.

Compreender a palavra do Outro requer uma resposta de quem a escuta e interpreta. Bakhtin (2006, p. 135) escreve: "A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão".

A compreensão ganha, na passagem citada, um caráter responsivo. Ao interpretar a fala de um participante, o pesquisador produz uma réplica sustentada pelo problema estudado, pelo contexto da pesquisa e pelas referências teóricas mobilizadas na análise. A palavra recebida provoca outra palavra. Nesse encontro, a interpretação pertence ao pesquisador e, ao mesmo tempo, conserva uma relação com o enunciado que lhe deu origem. Se para Bakhtin (2011) o Outro assume uma importância especial na constituição dos sentidos e na posição ocupada pelo sujeito diante da palavra alheia, há aqui uma questão ética importante para a pesquisa em Educação: a elaboração analítica requer autoria e responsabilidade diante das palavras tomadas para análise.

Polifonia e monologismo ajudam também a observar diferentes momentos da escrita científica. Amorim (2004) trata o monologismo a partir de suas próprias possibilidades de produção e convida o pesquisador a examinar os lugares ocupados pelas vozes ao longo do texto:

> Adotar uma perspectiva dialógica não quer dizer que se recusa todo texto monológico. O monologismo tem sua produtividade, sua potência de dizer. A dimensão monológica no texto científico é tão necessária quanto o é na poesia, nos ensina Bakhtin. Entretanto, é necessário poder analisar o como: onde o texto é monológico? em que lugar? qual é a voz que ele suprime? E qual é o efeito disso na produ-ção de conhecimentos? (Amorim, 2004, p. 16).

A pergunta proposta por Amorim leva a análise para os efeitos da escrita. O pesquisador assume a autoria do texto, organiza os achados, interpreta o material e desenvolve uma argumentação própria. Durante tal processo, também escolhe quais falas serão apresentadas e qual espaço cada uma receberá. Interessa, portanto, perceber quais vozes ganham presença na análise, como são tratadas e quais efeitos as escolhas autorais produzem sobre o conhecimento apresentado ao leitor.

A centralidade de uma única voz merece atenção quando assume a condição de verdade definitiva e reduz o espaço destinado às demais posições presentes na pesquisa. Amorim (2004, p. 147) relaciona tal configuração ao discurso monológico:

> Compreendido como monológico, o discurso científico poderia ser colocado lado a lado com o texto dogmático e herdar deste último as suas características: afirmarão de uma linguagem única, isto é, de uma única maneira de falar, de um único ponto de vista e de uma verdade definitiva. Para suprimir toda alteridade que venha perturbar ou introduzir uma falha em sua fala, o dogmatismo só pode se estruturar como composição monológica (Amorim, 2004, p. 147).

O monologismo ganha especial importância para a leitura dos resultados de uma pesquisa quando uma interpretação ocupa espaço suficiente para enfraquecer diferenças encontradas no material. Respostas divergentes, sentidos inesperados e posições conflitantes também pertencem aos dados e podem contribuir para a compreensão do fenômeno estudado. Uma escrita orientada pela alteridade reserva lugar para tais singularidades e permite ao leitor perceber a complexidade presente no encontro com os participantes.

ISSN: 2358-8829

A própria relação entre dialogismo e monologismo, porém, requer cuidado conceitual. Amorim (2004, p. 16) oferece uma orientação importante para o modo como os conceitos são empregados no presente estudo: "Não existe monologismo absoluto, nem dialogismo absoluto. Portanto, o dialogismo em nosso trabalho é uma proposta de análise, uma via de investigação, uma maneira de interrogar e não um método de pesquisa ou um modelo de escrita".

A passagem ajuda a precisar o lugar do dialogismo na pesquisa. Sua contribuição está na possibilidade de interrogar as relações produzidas entre discursos, sujeitos e interpretações ao longo da investigação. A polifonia oferece outra entrada para a leitura do texto científico, voltada à presença das vozes e às relações que elas mantêm entre si. Com tal compreensão, os conceitos funcionam como referências para a análise do material e para a reflexão sobre a escrita.

A polifonia alcança ainda a relação entre autor, texto e destinatário. Na formulação de Amorim (2004, p. 16-17):

> É preciso porém sublinhar que, numa perspectiva polifônica do texto, procurar seu destinatário não consiste em identificar seu público real ou os constrangimentos reais que a instituição acadêmica ou editorial determinan inevitavelmente toda escrita. Buscar os destinatários é buscar as instâncias criadoras. Aqueles que, por oposição ou por acordo, compõem com o autor um diálogo permanente que atravessa o texto e constitui sua tensão de base. É também buscar as escolhas do autor: aqueles a quem ele escolheu responder e aqueles a quem ele escolheu não responder.

A escrita acadêmica reúne escolhas feitas pelo autor diante das vozes com as quais estabelece interlocução. Algumas recebem respostas, outras provocam concordância ou oposição e participam da orientação assumida pelo argumento. O texto nasce, portanto, em contato com palavras anteriores e também se dirige a outras vozes, formando uma rede de relações que participa da produção dos sentidos.

A leitura das categorias aproxima quatro conceitos que ganham funções particulares na discussão proposta pelo estudo. O dialogismo ajuda a pensar as relações entre discursos produzidos na pesquisa. A alteridade coloca em questão o lugar ocupado pelo Outro e a singularidade de sua palavra. A polifonia volta a atenção para a presença de diferentes vozes na escrita, enquanto o monologismo permite observar momentos de concentração do discurso em determinada posição. Em conjunto, os conceitos oferecem

recursos para pensar a produção de dados, a interpretação e a escrita nas pesquisas em Ciências Humanas e em Educação.

Os resultados também colocam a ética em contato direto com o trabalho de interpretação. Dar lugar à voz do Outro envolve uma atenção cuidadosa ao sentido produzido pelo participante, às escolhas realizadas durante a análise e à forma como sua palavra chega ao texto científico. A autoria permanece com o pesquisador, responsável pelas relações teóricas e pela construção argumentativa, juntamente com o compromisso de conservar as diferenças encontradas no material. A escrita pode, assim, acolher a pluralidade de vozes como parte da própria produção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de Amorim (2004), em diálogo com os conceitos bakhtinianos discutidos neste estudo, permitiu tratar dialogismo, alteridade, polifonia e monologismo como referências para pensar a relação entre pesquisador, participante e escrita científica. Ao longo da análise, a voz do Outro ganhou importância tanto na produção e interpretação dos dados quanto nas escolhas feitas pelo pesquisador ao escrever os resultados.

Nas pesquisas em Educação, o encontro com estudantes, professores, comunidades e outros participantes reúne experiências e formas particulares de compreender a realidade. A interpretação realizada pelo pesquisador recebe as palavras e as coloca em diálogo com o problema de pesquisa e com o referencial teórico. A alteridade adquire, nesse percurso, uma dimensão ética: reconhecer a singularidade da palavra do Outro e cuidar dos sentidos atribuídos a ela durante a análise e a escrita.

Sob essa perspectiva, dialogismo e polifonia acrescentam outra questão ao trabalho científico. As diferentes vozes presentes em uma pesquisa podem participar da construção do texto por concordâncias, tensões e posições próprias. Já o monologismo chama atenção para os momentos em que a voz autoral ocupa maior espaço e para os efeitos produzidos por tal escolha. A presença do pesquisador permanece necessária, pois a interpretação, a organização dos achados e a construção argumentativa pertencem ao seu trabalho intelectual. O compromisso ético encontra-se no modo como essa autoria convive com as palavras e os sentidos produzidos pelos participantes.

Os conceitos estudados também oferecem possibilidades para futuras pesquisas no campo educacional. Entrevistas, narrativas, observações e outros materiais produzidos com participantes podem ser analisados considerando o lugar reservado às diferentes vozes na interpretação e na escrita. Uma aplicação empírica posterior poderá investigar como dialogismo, alteridade, polifonia e monologismo aparecem em pesquisas realizadas em escolas e em outros espaços educativos, permitindo aproximar a reflexão conceitual desenvolvida neste estudo das situações concretas de investigação.

Novos estudos poderão ainda examinar como pesquisadores da Educação apresentam as falas dos participantes em artigos, dissertações e teses, especialmente durante a discussão dos resultados. Permanece como questão para pesquisas futuras o modo como a autoria científica pode acolher diferentes vozes e, ao mesmo tempo, conservar o rigor teórico e interpretativo exigido pela produção acadêmica. Essa discussão expande o leque de possibilidades abertas pela leitura de Amorim (2004) e mantém vivo o debate sobre a relação com o Outro nas Ciências Humanas.

Palavras-chave: dialogismo; alteridade; polifonia; monologismo; pesquisa em Educação.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC/UEA) pelo espaço formativo que possibilitou as discussões das quais se originou este estudo. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Agradecemos também á Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério (Programa Qualifica) da Secretaria Municipal de Educação (Semed/Manaus) pela liberação para o estudo de doutorado.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. Arte e responsabilidade. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. 4. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.